

Lição 8: Não é possível em todos os casos alcançar o *quod quid* através da demonstração. Relação da definição com a demonstração

“ b22. Ora, enquanto algumas coisas — b28. Uma vez que se diz definição — b38. Outro tipo de definição — b39. Assim, a primeira significa — a2. Pois há uma diferença — a9. Por outro lado — a13. Nossa discussão, portanto,

Após mostrar que, em alguns casos, o *quod quid* é adquirido através da demonstração, o Filósofo mostra agora que isso não é possível em todos. E, para mostrar isso, ele repete (93b22) que de algumas coisas há uma causa diferente da coisa, mas de outras não. Portanto, porque o *quod quid* é adquirido por uma demonstração cujo termo médio é uma causa, é manifesto que existem certas coisas cujo *quod quid* deve ser tomado como um princípio imediato, no sentido de que se deve supor tanto o *ser* quanto o *quid* dessa coisa, ou manifestá-lo por algum outro meio que não a demonstração, digamos, por um efeito, ou por uma semelhança, ou de alguma outra maneira.

Aqui deve ser notado que sua afirmação de que algumas coisas têm uma causa não distinta delas mesmas pode ser entendida de três maneiras. De uma forma, significa que simples e absolutamente não tem uma causa de seu ser. E isso é próprio apenas do Primeiro Princípio, que é a causa do ser e da verdade de todas as coisas. Pois nada impede que mesmo coisas que existem por necessidade tenham alguma causa de sua necessidade, como é afirmado na *Metafísica* V. E, portanto, embora o Filósofo esteja falando no plural aqui, suas palavras não devem ser tomadas como significando que existem várias coisas que não têm causa de seu ser.

De outra forma, pode ser entendido como referindo-se à ordem das causas de uma coisa. Pois é claro que, nas coisas que têm quatro causas, uma causa é de alguma forma a causa de outra. Pois, uma vez que a matéria existe em vista da forma e não vice-versa, como é provado na *Física* II, uma definição baseada na causa formal é a causa da definição que é extraída da causa material da mesma coisa. E porque a coisa produzida obtém uma forma em virtude da ação do gerador, segue-se que o agente é de alguma forma a causa da forma, e a definição é a causa do definido. Além disso, toda causa eficiente age em vista de um fim; portanto, também a definição extraída do fim é de alguma forma a causa da definição que é extraída da causa eficiente. Além disso, é impossível ir nos gêneros das causas: daí o dito de que o fim é a causa das causas. Contudo, nos gêneros individuais das causas, pode-se proceder do subsequente ao anterior; mas as definições devem ser dadas através de causas próximas.

E de acordo com esta interpretação, encontramos afirmado em certos livros que definições que são feitas em termos da espécie não têm termo médio pelo qual possam ser demonstradas; mas que definições feitas em termos da matéria podem ter um termo médio, no sentido de que definições dadas de acordo com a causa material podem ser demonstradas por aquelas dadas de acordo com a causa formal. Mas uma definição dada de acordo com a causa formal não pode ser posteriormente demonstrada por um princípio intrínseco da coisa que pertence de maneira própria ao *quod quid* como entrando na essência da coisa. Mas se fosse para ser demonstrada pela causa eficiente e final, seria preciso dizer que uma causa superior está relacionada como formal à inferior. No entanto, essas palavras não estão presentes na versão grega; portanto, parecem ser uma Glosa introduzida no texto por um erro de copista.

Em terceiro lugar, poderiam ser entendidas no sentido de que existem algumas coisas que não têm uma causa no sujeito genérico de alguma ciência; como no gênero do número, com o qual a aritmética lida, chega-se à unidade, que não tem princípio neste gênero. E este sentido concorda com o exemplo que o Filósofo acrescenta quando afirma que o aritmético aceita o que a unidade é e que ela é. E assim como no caso das coisas que não têm outra coisa como causa, também no caso das coisas que podem ter um termo médio e cuja causa é outra coisa, seu *quod quid* pode ser manifestado; de tal forma, no entanto, que o *quod quid* não é demonstrado, mas sim que o termo médio da demonstração é tomado como *quod quid*.

Em seguida (93b28), tendo mostrado como o *quod quid* se relaciona com a demonstração, ele mostra como a definição se relaciona com a demonstração. Sobre isso, ele faz duas coisas. Primeiro, mostra como uma definição se relaciona com a demonstração. Em segundo lugar, usa um exemplo para manifestar o que afirmou (94a2). Em relação ao primeiro, ele faz três coisas. Primeiro, estabelece um tipo de definição que significa *quid est*. Em segundo lugar, outro tipo que significa *propter quid* (93b38). Em terceiro lugar, mostra como cada uma dessas definições se relaciona com a demonstração (93b39).

Em relação ao primeiro, ele supõe antes de tudo (93b28) que a definição é uma afirmação que significa o *quod quid*. Mas se nenhuma outra noção pudesse ser tida de uma coisa exceto a definição, seria impossível para nós saber que alguma coisa é, sem conhecer o *quid est* dela; porque é impossível para nós saber que uma coisa é exceto em virtude de alguma noção dessa coisa. Pois, em relação a uma coisa completamente desconhecida para nós, não podemos saber se ela é ou não. Mas encontramos alguma outra noção de uma coisa além da definição, a saber, uma

noção que explica a significação de um nome, ou uma noção da própria coisa nomeada; noção esta, no entanto, que é distinta da definição, porque não significa o *quid est* como faz uma definição, mas talvez algum acidente. Assim, pode-se encontrar alguma noção que explique o que a palavra triângulo significa. Então, tendo o *quia est* em virtude desta noção, buscaríamos o *propter quid* para que, por meio disso, pudéssemos chegar ao *quod quid*. Mas, como foi dito acima, isso é difícil no caso das coisas cuja existência não conhecemos. Além disso, a causa dessa dificuldade foi mencionada acima, a saber, porque quando não conhecemos uma coisa pelo fato de ser por meio de algo dessa coisa, não sabemos absolutamente se ela é ou não é, mas apenas segundo um acidente, como foi explicado acima.

Em seguida, para distinguir a noção que significa o *quid est* das outras noções, acrescenta que há duas maneiras pelas quais uma noção pode ser dita una. Pois algumas são unas apenas por junção: dessa forma, até mesmo a *Ilíada*, ou seja, o poema da história de Troia, possui unidade. E é assim que a noção que explica um nome ou descreve a coisa nomeada por meio de seus acidentes é una, como quando se afirma que o homem é um animal capaz de rir e disciplinado. Mas uma noção também é una na medida em que simplesmente significa uma coisa sobre uma coisa da qual é a noção, e isso não em virtude de algum acidente. E tal noção é a definição que significa *quid est*, porque a essência de qualquer coisa é una. Assim, portanto, conclui que o que foi dito, ou seja, que uma definição é uma noção do *quod quid*, é uma definição de definição.

Em seguida (93b38), estabelece outro tipo de definição, dizendo que outra definição de definição é que ela é uma noção que manifesta o *propter quid*.

Então (93b39), mostra como cada uma dessas definições se relaciona com a demonstração, concluindo do anterior que a primeira definição meramente significa, mas não demonstra o *quod quid*; enquanto a segunda definição é, por assim dizer, a definição do *quod quid* e difere de uma demonstração apenas pela posição, ou seja, na ordenação dos termos e proposições.

Depois (94a2), usa exemplos para manifestar o que havia dito. A respeito disso, faz duas coisas. Primeiro, mostra com exemplos o que foi dito. Em segundo lugar, do anterior ele reúne os vários tipos de definição (94a9).

Diz portanto (94a2) que uma coisa é dizer *por que* troveja e outra o que é o trovão: porque, segundo a opinião daqueles que afirmam que a extinção do fogo em uma nuvem é a causa do trovão, está-se dando o *propter quid* quando se afirma que o trovão se deve ao fato de o fogo ser extinto em uma nuvem; enquanto aquele que afirma que o trovão é o som do fogo sendo extinto em uma nuvem está afirmando o que é o trovão.

Agora, cada uma dessas coisas significa a mesma noção, mas não da mesma maneira. Pois quando se afirma que troveja porque o fogo está sendo extinto em uma nuvem, a noção é significada à maneira de uma demonstração contínua, ou seja, não decomposta em proposições explícitas; contudo, todos os termos de uma demonstração estão sendo continuamente tomados. Mas quando se afirma que o trovão é o som do fogo sendo extinto nas nuvens, a noção é significada à maneira de uma definição. No entanto, se disséssemos que o trovão é o som nas nuvens, sem menção da extinção do fogo, será uma definição que significa *quid est* e será meramente a conclusão de uma demonstração.

Então (94a9), reúne do anterior quantos modos de definição existem na medida em que são relevantes para a demonstração.

Primeiro, repete algo previamente afirmado, ou seja, que no caso das coisas que não têm causa, suas definições devem ser tomadas como princípios imediatos. Daí ele diz aqui que a definição de "coisas imediatas", ou seja, de coisas que não têm causas, é como uma posição indemonstrável do *quod quid*.

A partir disso, portanto, conclui que há um triplo gênero de definição quando considerada em relação à demonstração. Pois há uma definição que é uma noção indemonstrável do *quod quid* de uma coisa: esta é a que ele disse concernir às coisas imediatas. Outra definição é aquela que é, por assim dizer, um silogismo demonstrativo do *quod quid* de uma coisa e difere de uma demonstração meramente pela estrutura, ou seja, por uma acepção e posição diferentes da frase, como quando se afirma que o trovão é o som do fogo sendo extinto nas nuvens. A terceira é a definição que apenas significa *quod quid* e é a conclusão de uma demonstração.

Em seguida (94a13), resume o que foi dito, declarando que é evidente do anterior de que maneira há demonstração do *quod quid* e de que maneira não; ou seja, que o *quod quid* pode ser tomado de uma demonstração, mas não pode ser demonstrado. Também foram apontadas as coisas nas quais pode haver demonstração do *quod quid* segundo a maneira indicada (ou seja, nas coisas que têm uma causa) e aquelas nas quais não pode (ou seja, nas coisas que não têm causa). Também foi indicado de quantas maneiras a definição é dita: ou seja, que algumas significam *quod quid*, e outras até mesmo o *propter quid*. Também foi afirmado como o *quod quid* é demonstrado, ou seja, na medida em que isso é significado por uma definição que significa apenas *quod quid*; e como não é demonstrado, ou seja, na medida em que, em virtude da definição, não apenas o quid, mas também o *propter quid* são tomados. Também foi apontado como a definição se relaciona de várias maneiras com a demonstração; e como ocorre que há demonstração da definição de uma mesma coisa, e como isso não ocorre.

Revision #2

Created 20 September 2026 17:49:00 by Admin

Updated 20 September 2026 23:11:15 by Admin